

## **Performances narrativas de temporalidade híbrida: da Europa Medieval ao retrofuturismo<sup>1</sup>**

Éverly PEGORARO<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, Guarapuava, PR

### **Resumo**

Piqueniques históricos, jantares medievais, passeios de trem. Uma mistura de temporalidades e cultura da mídia tem permeado diversas culturas urbanas. Seus participantes concebem formas diferenciadas de tempo, de ação sobre o mundo e de construção identitária. Os diferentes conceitos de temporalidade que propõem se potencializam em narrativas históricas, práticas culturais e estratégias de socialidade. Para isso, três elementos estão conectados: tempo, memória e narrativa histórica, cuja relação é inerente para a análise das concepções de temporalidade que tais jovens carregam, idealizam e/ou desconstruem. Este artigo traz algumas reflexões sobre a relação que culturas urbanas dessa natureza estabelecem com a temporalidade. Parte-se do pressuposto de que seus participantes propiciam um variado leque de novas formas de socialidade e de relações com o que entendemos por temporalidade.

**Palavras-chave:** Temporalidade, Nostalgia, Memória, Cultura Urbana.

### **Introdução**

Uma das cenas mais emblemáticas da série *Game of Thrones* é o “Casamento Vermelho”, quando o nobre Robb Stark, Rei do Norte, sua mãe e seguidores são assassinados em plena celebração, num verdadeiro massacre. Esta peculiar parte da história, que deixou de luto muitos dos mais fiéis fãs da saga, foi citada no convite feito pelos organizadores do II Banquete Medieval Schola Militum, realizado em São Paulo, em junho deste ano<sup>3</sup>. Obviamente, não é a violência em si do episódio que foi usada como exemplo, mas a visualidade dos detalhes que auxiliam a imaginar os jantares da Europa medieval. O evento contemporâneo, de acordo com os organizadores, se espelha na Idade Média, ofertando um festejo com “comida, bebida e boa música”. Até o cardápio procurava seguir à risca as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação da Unicentro. Email: [everlypegoraro@gmail.com](mailto:everlypegoraro@gmail.com).

<sup>3</sup> Disponível no *Facebook*, no perfil II Banquete Medieval Schola Militum, em <https://www.facebook.com/events/1581289135463243/>. Último acesso em 25 mai. 15.

características medievais, como *oyles soppes* (sopa de cebolas e cerveja), *metz* (cortes de carne grelhadas e temperadas com especiarias), *benes yfryed* (feijões fritos com cebolas e alho), *beke mete* (torta de porco e especiarias) e *custarde* (torta de ovos, passas e tâmaras).

Como é possível observar, o gosto pela mistura entre ficção e realidade histórica não se encerra no assistir séries televisivas. Uma rápida busca pelos meandros das redes sociais aponta uma série de culturas urbanas interessadas em reviver outros contextos históricos ou elaborar temporalidades híbridas, misturando passado, presente e futuro. Convites como o citado acima, para participar de um “verdadeiro” banquete medieval, instigam jovens a mergulhar nos costumes e nas práticas de outras temporalidades, a experimentar novos espaços de socialidade. Para alguns, trata-se do encontro com indivíduos que tenham os mesmos gostos, integrando um pertencimento neotribal (MAFFESOLI, 1987). Para outros, é simplesmente a chance de participar de uma programação diferente ou até mesmo adquirir objetos com “aura de passado”, já que tais eventos também contam com artistas que negociam criações personalizadas.

As programações desse tipo de neotribo são variadas, para atender aos mais diversos gostos: piqueniques, jantares, feiras, passeios de trem, caminhadas no parque, ensaios fotográficos. Em cada um deles, a criação das cenas (STRAW, 2006) inspira a imersão na temporalidade proposta. Tudo é pensado nos mínimos detalhes: roupas, acessórios pessoais, utensílios, música ambiente, alimentação, atividades recreativas, produtos artesanais feitos pelos próprios participantes, colocados à venda ou para exibição.

Este artigo traz algumas reflexões sobre a relação que culturas urbanas dessa natureza estabelecem com a temporalidade. Parte-se do pressuposto de que seus participantes propiciam um variado leque de novas formas de socialidade e do que entendemos por temporalidade. Que relações jovens urbanos, conectados e midiáticos estabelecem com o tempo? Que neotribos brasileiras se reapropriam de narrativas históricas, midiáticas, ficcionais, seja pelo viés nostálgico ou retrofuturístico, propiciando performances, produtos e estratégias de socialidade?

Sabe-se que a discussão sobre tempo/temporalidade é densa, mas não é o foco principal deste artigo, que apresenta os resultados iniciais da reflexão proposta. Para além do tempo físico, que se mantém num compasso independente ao homem, há o tempo psicológico, que se refere à percepção de cada um, que só se faz compreender por meio da experiência vivida, que dá sentido ao transcorrer de ações que estabelecem a linearidade temporal e as definições de passado, presente e futuro. Aqui, prefere-se o uso do termo

temporalidade em vez de tempo, por se tratar de uma concepção que possibilita relacionar tempo, memória e narrativa histórica, três elementos que estão conectados nas performances das culturas urbanas aqui exemplificadas, cuja relação é inerente para a análise das concepções de temporalidade que tais jovens carregam, idealizam e/ou desconstruem.

Se entendermos a temporalidade como uma modalidade do sentido que deriva do tempo, o que podemos dizer sobre o número crescente de culturas urbanas que misturam imaginação histórica (fictícia e “real”) com diferentes períodos históricos? Por que o interesse pela mistura de épocas ou pela ressignificação de costumes antigos? Neste artigo, são apresentadas algumas reflexões iniciais sobre a apropriação que agrupamentos juvenis estão fazendo de diferentes temporalidades, buscando ultrapassar a compreensão de que se trata de um agenciamento contemporâneo puramente nostálgico.

### **Em tempos de temporalidade híbrida**

Não é novidade que a percepção da temporalidade se configura contemporaneamente por uma confusão entre os limites outrora bem definidos entre passado, presente e futuro. Entretanto, o que se percebe é que a dimensão temporal parece adquirir fundamental importância para algumas culturas juvenis, a partir de diferenciadas estratégias: nostalgia, presenteísmo, futurismo, retrofuturismo, temporalidades fictícias. Pode-se dizer que três fatores impulsionam esses agenciamentos: retroconsumismo, cultura da memória e inquietações espaço-temporais. Os diferentes conceitos de temporalidade que estes jovens propõem se potencializam em narrativas históricas, em práticas culturais e estratégias de socialidade. Eles lançam formas diferenciadas de conceber o tempo, de ação sobre o mundo e de construção identitária.

Isso leva a pensar na significação de um conceito de temporalidade que articula imaginários, formas de manejar as relações temporais e agenciamentos da cultura da mídia que se integram como os aportes das performances narrativas desses agrupamentos juvenis. Esses jovens possuem uma forma própria de narrar e de construir sentidos de temporalidade, em que o passado e o futuro têm destaque, distorcendo a concepção de um contexto presenteísta que, geralmente, vem atrelado às gerações jovens atualmente.

Narrar também é uma forma de estar no mundo e compreendê-lo. Por meio de performances narrativas, eles manifestam diferenciadas perspectivas sobre como entendem

as construções sociais de passado, presente e futuro. O fio da história que vem sendo costurado por eles aponta práticas de memória que nem sempre buscam o estatuto de veracidade que confere legitimidade às narrativas históricas. De um passado romantizado a criações de temporalidade híbrida, de passados recentes a longínquos, do futuro do pretérito ao ambiente futurista idealizado, os participantes procuram dar um sentido de coerência às suas próprias temporalidades descontínuas.

As propostas das culturas urbanas abordadas nesse texto podem ser entendidas como manifestações culturais de interpretação, resistência e até mesmo contradição de um contexto de temporalidade híbrida. Maffesoli (1995) fala que vivemos um tempo espiralado, que expressa um movimento cíclico, um eterno retorno em espiral de valores arcaicos em confluência com a cultura tecnológica que pauta estilos de vida e visões de mundo.

Que o passado é inatingível todos sabem. Ele reelabora-se na constante rememoração narrativa daqueles que o invocam no presente. Assim, tal qual a ficção, as narrativas históricas também são obras da imaginação. Os participantes lançam novas formas de compreender e significar as temporalidades com as quais performatizam as narrativas. Simultaneamente, dão pistas da forma como pensam suas identidades e identificações enquanto atores sociais.

Essas operações memoráveis não provêm de experiências vividas por eles, mas acabam sendo incorporadas às suas narrativas de vida e percepções de mundo. Elas trazem à tona relatos de um passado idealizado, questionamentos e contradições, inquietações do presente, aspirações de futuro, enfim, compreensões de temporalidade híbrida. No ecossistema comunicativo de fluxos multissensoriais que faz parte do seu cotidiano, as narrativas propostas são frutos de percepções nômades e multifacetadas (MARTÍN-BARBERO, 2004). Trata-se de uma geração que explora um mundo tecnocultural mediatizado pela imagem e pela sonoridade, pelo tato e pela velocidade. Novos significados se atualizam nas constantes reconstruções. Dessa forma, esses jovens performatizam percepções e anseios a respeito do tempo – não se pautando pelo compasso cronológico e pelo rigor histórico, muitas vezes – mas materializando a concepção de tempo espiralado de Maffesoli (1995).

### **Somos nostálgicos, simplesmente?**

"Houve uma idade de guerreiros corajosos, um tempo de donzelas que coziavam [sic] um vestido durante meses, uma época de escandalosas damas exageradamente ataviadas, um período de elegantes cavalheiros que davam bailes e faziam pedidos formais de casamento, uma era de enormes avanços científicos, tecnológicos e artísticos. Momentos que vibram no coração dos apaixonados por esses séculos que podemos reviver e recriar!" (PICNIC VITORIANO, *on line*). Este é um texto introdutório da página do *Picnic Vitoriano*, grupo de Curitiba que anualmente recria os tradicionais chás vitorianos em criativos piqueniques na capital paranaense. O trecho acima indica que os participantes visualizam um passado romantizado, que se aproveita das benesses do desenvolvimento industrial e tecnológico, mas que, simultaneamente, no âmbito privado das damas e dos cavalheiros, vive um ritmo mais lento, com mais tempo para o cuidado de si. A empolgação pela possibilidade de “reviver e recriar” essa temporalidade atrai muitos visitantes aos já tradicionais piqueniques e chás de invernos vitorianos em terras curitibanas.

Ao exemplificar com esta e outras estratégias de socialidade semelhantes, como a do jantar medieval citado no início deste artigo, observa-se que a conotação nostálgica dessas culturas urbanas é algo mais complexo do que simplesmente o anseio pelo passado. Esses jovens – urbanos, midiáticos, conectados, como já dissemos – buscam ou constroem outras temporalidades como forma de exprimir aquilo que não encontram no seu agora ou como pensam o tempo presente. As narrativas históricas ou as temporalidades híbridas que pesquisam, elaboram e compartilham permitem refletir sobre possibilidades irrealizadas ou mudanças inesperadas em suas próprias narrativas individuais.

Hutcheon (1998) defende que a nostalgia e a ironia são ambas componentes inseparáveis e em constante tensão na cultura contemporânea. Recuperando a tese de Lowenthal (1985), a autora lembra que a ironia capturou mais atenção durante os idos de 1980, enquanto que a nostalgia ganhou espaço em meados de 1990. Embora a concepção de nostalgia tenha nascido no século XVII relacionada a um problema médico de âmbito físico, entendida como a ânsia por voltar ao lar, é durante o século XX que ela se torna menos uma condição física e mais uma problemática psicológica, um estado incurável do espírito ou da psique. Essa mudança não se deve à questão espacial (ao anseio de retornar ao lar), e sim às percepções temporais. As pessoas não almejavam retornar a um lugar, mas no tempo. E, como o tempo é irreversível, a nostalgia tornava-se uma reação a este fato. Este continua sendo o entendimento dominante até hoje.

Nostalgia, de fato, pode depender precisamente da irrecuperável natureza do passado para o seu impacto emocional e de atração. É a própria condição de passado do passado, sua inacessibilidade, que provavelmente é responsável por uma grande parte do poder da nostalgia – tanto para conservadores como radicais. Raramente é o passado como realmente experienciado, é claro; é o passado como se imaginava, como idealizado através da memória e do desejo. Neste sentido, no entanto, a nostalgia é menos sobre o passado do que sobre o presente. Ela opera através de que Mikhail Bakhtin chamou de ‘inversão histórica’: o ideal que não está sendo vivido agora é projetado no passado.<sup>4</sup> (HUTCHEON, 1998, *online*, tradução nossa)

Nesta concepção, trata-se de um passado cristalizado, permeado por desejos, distorções e reorganizações, em elaborações típicas da construção memorativa. A nostalgia seria responsável por costurar, no presente, um passado imaginado. Neste tipo de operações nostálgicas, o presente é visto como caótico, complicado, feio; enquanto o passado é visto como estável, puro, ordenado e harmonioso.

Ainda assim, para Hutcheon (1998), caracteriza-se como uma projeção complexa que invoca uma história idealizada, hibridizada com a insatisfação com o presente, numa tentativa de desafiar o fim, de escapar da teleologia. Portanto, não é simplesmente a repetição ou duplicação da memória, principalmente no contexto atual de proliferação das alternativas tecnológicas de armazenamento do passado, que possibilitam infinitos passados reciclados.

A aproximação entre nostalgia e ironia, para Hutcheon (1998), ocorre porque ambas evocam efeitos e agenciamentos, emoções e políticas. Em ambos os casos, a ironia e a nostalgia “fazem acontecer”, caracterizando uma ativa participação intelectual e afetiva do indivíduo no processo. Para a autora, a nostalgia contemporânea é de ordem irônica. No contexto de obsessiva necessidade de lembrar e esquecer (HUYSEN, 2000), a nostalgia irônica seria uma maneira de manter a distância e a perspectiva entre presente e passado.

Jameson (2006), por sua vez, prega que a nostalgia é um dos sintomas da sociedade pós-moderna, que não sabe mais lidar com o tempo e a história. Para ele, o reemprego de velhas imagens de passado é um insosso sentimento de querer voltar no tempo, reflexo de uma rede complexa de implicações do pós-modernismo: a perda de sentido histórico, a morte do sujeito individualista burguês e a falta de criação de novos estilos por parte dos autores contemporâneos.

---

<sup>4</sup> No original: “Nostalgia, in fact, may depend precisely on the irrecoverable nature of the past for its emotional impact and appeal. It is the very pastness of the past, its inaccessibility, that likely accounts for a large part of nostalgia’s power—for both conservatives and radicals alike. This is rarely the past as actually experienced, of course; it is the past as imagined, as idealized through memory and desire. In this sense, however, nostalgia is less about the past than about the present. It operates through what Mikhail Bakhtin called na ‘historical inversion’: the ideal that is not being lived now is projected into the past.”

O tempo teria perdido seu lugar de importância para o espaço, resultado das intensas transformações do modo de viver oriundas da pós-modernidade. “Os fundamentos são evidentemente diferentes; o tempo governa o domínio da interioridade, no qual tanto a subjetividade quanto a lógica, o privado e o epistemológico, a consciência de si e o desejo, serão encontrados. O espaço, enquanto domínio da exterioridade, inclui as cidades e a globalização, mas também outras pessoas e a natureza.” (JAMESON, 2011, p. 189). O tempo teria sido a marca distintiva da modernidade, na qual temporalidades diversas coexistiam: o tempo do campo e o da cidade, por exemplo. O processo de passar de uma temporalidade a outra amenizava as consequências. Ele argumenta que as gerações pós-modernas são privadas de um sentido diferencial de tempo profundo, pois não precisam negociar sentidos em duas temporalidades sócio-econômicas distintas, tal como seus antepassados.

No retrato oferecido por Jameson (2011, p. 197), o fim da temporalidade pauta-se por um novo padrão não-cronológico e não-temporal de imediatismos. Tratar-se-ia, então, de uma percepção de temporalidade que segue a lógica do efêmero, desenraizado de sentido de passado profundo ou de futuro imaginado. A fragmentação do indivíduo e a perda de sentido histórico – ou a irrelevância de sua essência – levariam à própria despersonalização do tempo. “A remoção desta forma de temporalidade – a segurança do ego ou do eu pessoal único – é comparável à remoção dos universais numa era nominalista; ela me deixa sozinho com meu presente único, com um presente de tempo que é anônimo e que não pertence mais a qualquer *eu* biográfico identificável ou destino privado.” (JAMESON, 2011, p. 199)

Boym (2001) oferece um diagnóstico menos pessimista ao problematizar a nostalgia contemporânea, caracterizando-a como uma emoção histórica, que foi delineada como tal a partir do Romantismo. O que começou diagnosticada como uma doença de soldados desejosos por retornar ao lar, posteriormente foi incorporada por poetas e filósofos até ser apropriada por discursos políticos. Ainda no século XIX, o senso de melancolia transformou-se em um estilo de moda nos salões urbanos. No contexto de Revolução Industrial e de processos colonizatórios, a epidemia nostálgica não era mais para ser curada, mas espalhada como uma expressão de patriotismo. “O ritmo acelerado de industrialização e da modernização aumentou a intensidade de desejo das pessoas por ritmos mais lentos de



passado, pela continuidade, coesão social e tradição.”<sup>5</sup> (BOYM, 2001, p. 16, tradução nossa)

Ao conceber um traçado histórico para a compreensão social da nostalgia, Boym (2001) nos possibilita refletir sobre algumas contradições do tempo presente. A nostalgia permanece intermediária entre memórias individuais e coletivas.

Nostalgia não é sempre sobre o passado; ela pode ser retrospectiva mas também prospectiva. Fantasias do passado determinadas por necessidades do presente têm um impacto direto sobre as realidades do futuro. Considerações sobre o futuro nos fazem assumir a responsabilidade por nossos contos nostálgicos. [...] Ao contrário da melancolia, que se limita aos planos de consciência individual, a nostalgia é sobre a relação entre biografia individual e a biografia de grupos ou nações, entre memória pessoal e coletiva.<sup>6</sup> (BOYM, 2001, p. XVI, tradução nossa)

A autora reconhece a importância da tecnologia na intensidade de recriações de passado. Para ela, paradoxalmente, o progresso tecnológico não curou a nostalgia, mas exacerbou-a. Em consonância, a globalização encoraja os laços locais, embora potencialize o rompimento de fronteiras. “A nostalgia inevitavelmente reaparece como um mecanismo de defesa em um momento de ritmos acelerados de vida e perturbações históricas.”<sup>7</sup> (BOYM, 2001, p. XIV, tradução nossa)

A distinção de dois tipos de experiências nostálgicas apresentada pela autora é interessante para contextualizá-las nas reapropriações das culturas urbanas contemporâneas. O primeiro tipo de nostalgia é chamado de reconstituente, aquele que procura uma reconstrução transhistórica de um lar perdido, remendando as lacunas da memória. Ele gera estratégias de manutenção da tradição, justificando projetos nacionalistas de criação de mitos e de reconstrução de monumentos do passado. Já o tipo de nostalgia denominado de reflexivo vacila entre a ânsia pelo pertencimento e as contradições da modernidade, com as imperfeições dos processos memoráveis. Ela não segue um único enredo, mas explora múltiplas alternativas, oscilando entre o imaginado e o vivido. A nostalgia do primeiro tipo

---

<sup>5</sup> No original: “The rapid pace of industrialization and modernization increased the intensity of people’s longing for the slower rhythms of the past, for continuity, social cohesion and tradition.”

<sup>6</sup> No original: “Nostalgia is not always about the past; it can be retrospective but also prospective. Fantasies of the past determined by needs of the present have a direct impact on realities of the future. Consideration of the future makes us take responsibility for our nostalgic tales. [...] Unlike melancholia, which confines itself to the planes of individual consciousness, nostalgia is about the relationship between individual biography and the biography of groups or nations, between personal and collective memory.”

<sup>7</sup> No original: “Nostalgia inevitably reappears as a defense mechanism in a time of accelerated rhythms of life and historical upheavals.”



protege supostas verdades absolutas, enquanto a do segundo tipo coloca tais verdades em dúvida.

A nostalgia reconstituente evoca passado e futuro nacionais; a reflexiva é mais sobre memória cultural e individual. [...] A nostalgia do primeiro tipo gravita em torno de símbolos pictoriais e cultura oral. A nostalgia do segundo tipo é mais orientada pelas narrativas individuais que saboreia detalhes e sinais memorativos, perpetuamente adiando o regresso ao lar. Se a nostalgia reconstituente acaba reconstruindo rituais e emblemas do lar e da pátria na tentativa de conquistar e especializar o tempo, a nostalgia reflexiva preza fragmentos de memória e temporaliza o espaço.<sup>8</sup> (BOYM, 2001, p. 49, tradução nossa)

A nostalgia reflexiva pode ser irônica, bem humorada e fragmentada. Não pretende reconstruir um passado mítico, ela “enamora-se” mais da distância que do referente em si. A desfamiliarização e senso de distância direcionam os nostálgicos a contarem suas histórias, a narrarem a relação que estabelecem entre passado, presente e futuro.

Os jovens que participam de culturas urbanas que ressignificam outras temporalidades propõem diferentes tipos de performances narrativas, que podem misturar ficção, realidade histórica e cultura da mídia. Dos grupos mais nostálgicos aos de temporalidade híbrida (que hibridizam presente, passado e futuro em suas criações), eles visualizam outras épocas, oscilando entre o vivido e o imaginado.

É perceptível que, como Boym (2001) constata, eles se deixam seduzir pela distância do passado mais do que pelo passado em si, investindo em imaginários de época, discutindo formas e valores dessas temporalidades, mas sem tentativas de retorno àqueles tempos. Os participantes do *Storm Swordplay*, por exemplo, simulam duelos medievais e outros tipos de combate em campo aberto. O esporte mistura elementos de artes marciais com espadas de espuma, numa reapropriação das épocas de lutas heroicas com as narrativas ficcionais e improvisadas dos jogos de RPG.

As estratégias adotadas por culturas urbanas que ressignificam diversificadas temporalidades aproximam-se da nostalgia reflexiva, pois as performances que surgem são fragmentadas, irônicas e, muitas vezes, questionadoras da própria essência de veracidade que legitima as narrativas históricas, como é o caso do *steampunk* e do *dieselpunk* (PEGORARO, 2015).

---

<sup>8</sup> No original: “Restorative nostalgia evokes national past and future; reflective nostalgia is more about individual and cultural memory. [...] Nostalgia of the first type gravitates toward collective pictorial symbols and oral culture. Nostalgia of the second type is more oriented toward an individual narrative that savors details and memorial signs, perpetually deferring homecoming itself. If restorative nostalgia ends up reconstructing emblems and rituals of home and homeland in an attempt to conquer and spatialize time, reflective nostalgia cherishes shattered fragments of memory and temporalizes space.”

Mas a questão que paira no ar é o motivo pelo interesse crescente, sobretudo de culturas juvenis, pelo passado. Geralmente, a nostalgia refere-se a situações vividas. E o que dizer de jovens que obviamente nunca vivenciaram o passado medieval, eduardiano ou vitoriano e, mesmo assim, investem tempo e socialidades nele? Uma consonância de fatores pode ser considerada como catalizadora desse investimento crescente, como o retroconsumismo, a obsessiva cultura da memória e uma concepção de tempo espiralado (MAFFESOLI, 1995) que domina o contexto contemporâneo, ou seja, a confluência de valores arcaicos com os da cultura tecnológica, que rompem com a concepção de tempo linear e potencializam novas formas de subjetividade.

As reflexões de Gumbrecht (1999) acrescentam outro elemento importante à discussão. Para ele, aquilo que nos orienta em direção ao passado é o desejo de conhecer mundos que existiram antes do nosso e ter uma experiência direta com eles, que deveria incluir a possibilidade de tocá-los, cheirá-los e prová-los através de objetos que os constituíram, caracterizando o que ele chama de aspecto sensual da experiência histórica. Para ele, algumas práticas e meios da cultura histórica contemporânea parecem reatar este desejo de uma experiência imediata do passado.

O objetivo de um grupo de recriação histórica de Florianópolis (SC) exemplifica a necessidade de presença e materialização de passado defendida pelo autor. A Sociedade Histórica Destherrense centra-se principalmente no período histórico compreendido entre Revolução Francesa (1789) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A proposta é reunir pessoas que se interessam por diferentes aspectos dessa época, como música, moda, culinária, artes visuais, fotografia, cinema, artes manuais, militar, ciência, tecnologia e política. O grupo programa diferentes atividades presenciais, como passeios históricos, ensaios fotográficos e grupos de estudos.

Nesses encontros, os participantes são estimulados a conversar sobre os assuntos de seu interesse, procurar conhecer outras pessoas que compartilhem a sua empolgação e, claro, viver um pouco da História. Como fazemos isso? Vestindo roupas de época, apreciando música do período, degustando iguarias com receitas de séculos anteriores, visitando espaços como museus... Para nós, é possível aprender História não só através de livros e documentários, mas também através de cores, aromas, texturas, sons e sabores. (SOCIEDADE HISTÓRICA DESTHERRENSE, *on line*).

Trata-se de um “desejo de imediação histórico”, ou a ânsia em preencher o presente com artefatos do passado. Já que não é possível acessar o passado de forma tátil, audível ou olfativa, o indivíduo abraça formas imaginativas de tais percepções. Esse desejo de

presentificação favorece a dimensão espacial e tem como autorreferência predominante o corpo, em suas negociações entre indivíduos e com as coisas do mundo (GUMBRECHT, 2010).

### **Considerações Finais**

Nesse delineamento inicial de culturas urbanas que transitam por diferentes temporalidades, percebe-se que as performances propostas trazem referentes identitários, indicam trajetórias de vida e modos de pensar de seus participantes. As práticas culturais ancoradas nas experiências deles oferecem subsídios para a compreensão de suas estratégias de socialidade e tentativas de viver outros tempos (“reais” ou fictícios). Tais performances narrativas articulam-se com o retroconsumismo, a cultura da memória e a paixão de colecionadores, questões para serem aprofundadas em outros textos.

A questão que permeia as estratégias adotadas pelos jovens adeptos dessas culturas urbanas é que regimes de historicidade (HARTOG, 2013) e noções de temporalidade são propostas e ressignificadas por eles? De que forma a forte presença da cultura da mídia e tecnológica interfere na maneira como se reapropriam, criticam e visualizam diferentes temporalidades, sobretudo do passado?

Hartog (2013) define como regime de historicidade as formas como as diferentes sociedades lidam com as relações entre presente, passado e futuro. O autor elenca basicamente três grandes regimes no mundo ocidental. A atual crise do tempo ou colapso da experiência temporal seria definida como presentismo. Este regime seria marcado pelo esgotamento dos anseios de futuro e progresso, mas um presente absoluto ditado pela tirania da cultural midiática e tecnológica.

As propostas dos jovens que buscam outras temporalidades embaralham o argumento da soberania do “presentismo”. Os mapas cognitivos (MARTÍN-BARBERO, 2004) que eles propõem são complexos, múltiplos, diversos, interconectam outras concepções de temporalidade que tentam hibridizar tempos e valores, questionando a racionalidade sistemática do contemporâneo.

Este texto traz alguns aportes teóricos iniciais, bem como apresenta, ainda que superficialmente, algumas dessas culturas urbanas. As estratégias deles variam. Há aquelas que concebem temporalidades híbridas, tais como as retrofuturistas: *steampunk*, *dieselpunk* e *stormswordplay*. Outras transitam pelo passado idealizado, buscando nele referências para

questionamentos contemporâneos, como as que simpatizam com a Idade Medieval ou o período vitoriano. Na efervescência de suas cenas, há agenciamentos da cultura midiática, ressignificações históricas e literárias, apropriações de espaços urbanos e estratégias de socialidade.

Como constata Martín-Barbero (2008), os jovens percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa pela corporeidade, pela manifestação de múltiplos sentidos. Os proponentes de temporalidades híbridas estão materializando suas próprias operações memoráveis, muitas das quais pautadas pela ficcionalização temporal intencional, ou seja, o imaginário e o emocional são tão importantes para eles na percepção de temporalidade quanto a ideia de veracidade que este termo carrega.

## REFERÊNCIAS

BOYM, Svetlana. **Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-RIO, 2010.

\_\_\_\_\_. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade - presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

HUTCHEON, Linda. Irony, Nostalgia and the Postmodern. **University of Toronto English Library**, 1998. Disponível em <http://www.library.utoronto.ca/utel/criticism/hutchinp.html>. Acesso em 15 mai. 15.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JAMESON, Fredric. O fim da temporalidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 187-206, jan.-jun. 2011. Disponível em <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF22/jameson.pdf>. Último acesso em 11 mai. 15.

\_\_\_\_\_. **A virada cultural**. Reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: University Press, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H.; FREIRE FILHO, João (orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 9-32.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PEGORARO, Éverly. **No compasso do tempo *steampunk***: o retrofuturismo no contexto brasileiro. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

PICNIC VITORIANO CURITIBA. <http://picnicvitorianocwb.com/>. Último acesso em 28 mai. 15.

SOCIEDADE HISTÓRICA DESTHERRENSE. <http://shdestherrense.com/home/>. Último acesso em 28 mai. 15.

STRAW, Will. Scenes and Sensibilities. In: **E-Compós**, Brasília, COMPÓS, nº 6, agosto de 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Último acesso em 27 out. 2011.